

QUINTA-FEIRA / 7 MARÇO / 2019 WWW.ARQUIDIOCESE-BRAGA.PT



IGREJA *Viva*

ENTREVISTA

**“A UNIDADE É
O TESTEMUNHO
DE DEUS E DA
VERDADEIRA IGREJA”**

D. JORGE ORTIGA
ARCEBISPO PRIMAZ

P. 04-05

BREVES

Padre Américo Aguiar foi nomeado Bispo Auxiliar de Lisboa

O padre Américo Aguiar, presidente do Conselho de Gerência do Grupo Renascença Multimédia, foi nomeado na passada sexta-feira pelo Papa Francisco Bispo Auxiliar de Lisboa.

A ordenação está marcada para dia 31 de Março, no Porto. O padre Américo Aguiar nasceu a 12 de Dezembro de 1973 em Leça do Balio, Matosinhos. Em 1995 ingressou no Seminário Maior do Porto e em 2001 foi ordenado presbítero. Depois de concluir o curso de Teologia, no Centro Regional do Porto da Universidade Católica, concluiu o Mestrado em Ciências da Comunicação na Católica de Lisboa. Foi chefe de Gabinete dos bispos do Porto D. Armindo Lopes Coelho, D. Manuel Clemente e D. António Francisco dos Santos. Actualmente é também director do Secretariado Nacional das Comunicações Sociais, organismo da Conferência Episcopal Portuguesa.

**Padres portugueses são pentacampeões da Europa em Futsal**

A selecção portuguesa do clero sagrou-se, na passada quinta-feira, 28 de Fevereiro, pentacampeã da Europa de Futsal. Contra a Bósnia, num jogo realizado em Montenegro, os padres portugueses conseguiram a vitória com um "hat trick" do padre André Meireles. Esta foi a XIII edição do Campeonato da Europa de Futsal para padres. Para além de Portugal, participaram dezassete equipas de outros países. O grupo português incluiu as selecções de Bielorrússia, Montenegro e Bósnia-Herzegovina. O seleccionador nacional é o padre Manuel Fernando, da Paróquia de Alfena, na Diocese do Porto, e o capitão, o padre Marco Gil, é conhecido como o "Cristiano Ronaldo" da selecção da Igreja. A edição do próximo ano será disputada em Praga, na República Checa.



OPINIÃO

Olhares (34) - Silêncio orante

JOÃO AGUIAR CAMPOS

PADRE

Pensei, devagar, no tema deste "Olhares" e, depois, no seu título.

O tema pareceu-me incontornável — pois o pior que pode acontecer a quem promete olhar é decidir não ver. E, sim, é impossível não ver que D. Jorge Ortiga, Arcebispo Primaz de Braga, completou, anteontem, 75 anos de vida.

Em consonância, portanto, com o art. 401,1 do Código do Direito Canónico e as disposições aprovadas pelo Papa Francisco no "*Rescriptum ex audientia sanctissimis*", de 3 de Novembro de 2014, apresentou ao Papa Francisco a sua resignação. Esta "não produz efeitos *ipso iure*", cabendo "ao Romano Pontífice aceitá-la ou não, depois de ponderar as circunstâncias".

Acredito que a decisão papal seja de aceitação, mas com efeitos apenas a partir da nomeação de um sucessor; ou seja, é normal (e isso espero) a chamada decisão *nunc et pro tunc*....

Agradeça-se, desde já, ao senhor D. Jorge, o serviço episcopal cumprido entre nós e não só. De facto, o nosso Arcebispo exerceu dois mandatos na presidência da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), além de ter assumido outras tarefas, sempre de coração aberto a diferentes pedidos e necessidades eclesiais.

Esta gratidão será, por certo, dita a seu tempo e com a visibilidade adequada. Aqui e agora importa-me, sobretudo, sublinhar que, com a resignação, se abre (oficialmente) a porta da sucessão — facto que me

remete para o título, considerando que este é um momento de "silêncio orante".

Sei muito bem que os processos de escolha dos bispos já não são o que eram, pois vivemos numa sociedade mediatizada, que convive mal com muitos segredos. Considero, aliás — como se a minha opinião valesse alguma coisa! — que tais processos deveriam ser revistos e actualizados, quando tanto se fala de sinodalidade e corresponsabilidade... Mas, enquanto se espera que tal possa algum dia acontecer e enquanto temos de viver com as presentes circunstâncias, uma coisa se me afigura determinante: evitar ruídos que prejudiquem a reflexão e, consequentemente, a melhor decisão!...

Li, ontem, de fio a pavio, o "*Apostolorum Successores* — Diretório para o Ministério Pastoral dos Bispos".

O que ali se exige é tão profundo que manifesto eminentíssimo respei-

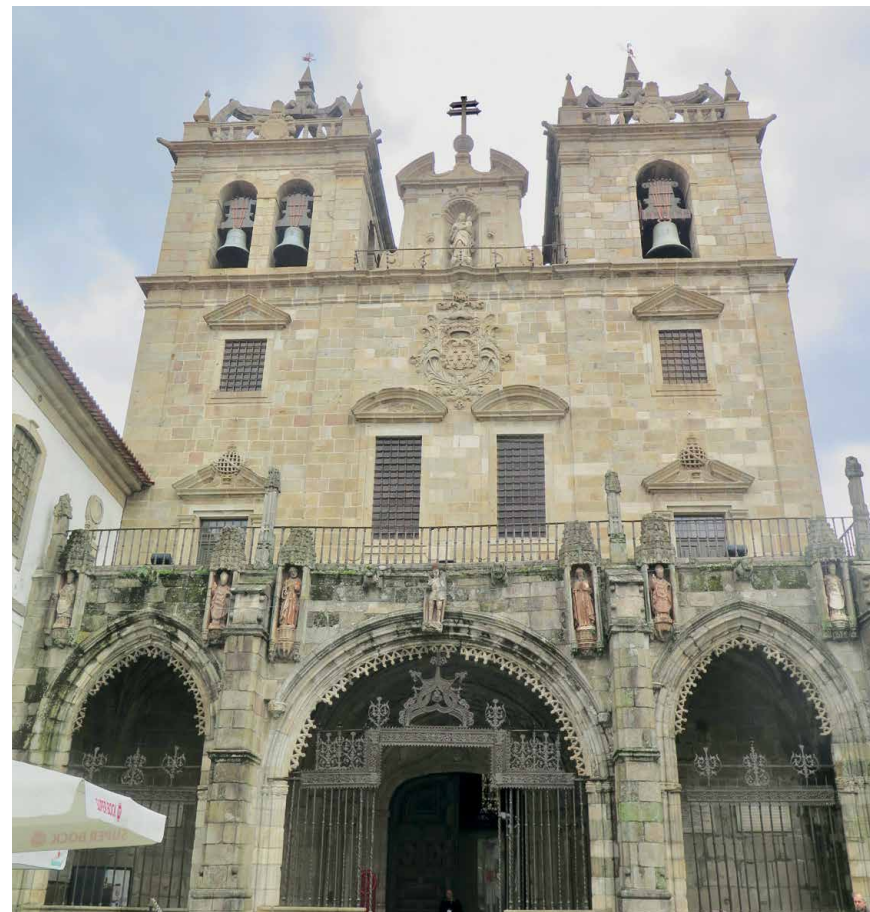
tura, alguém o procura e se insinua). Mas o que li tem de implicar também que quem foi, é ou vai ser chamado a contribuir para a selecção de candidatos tenha consciência das capacidades exigidas, pondo em confronto a missão proposta e o território onde, essencialmente, vai ser cumprida e o perfil do(s) candidato(s) em presença.

Um bispo não é o resultado de uma raspadinha ou de um outro qualquer jogo de azar; não é fruto do poder de intervenção ou de persuasão de pessoas, grupos ou movimentos ou do seu equilíbrio em fatias; não é, sequer, uma escolha para continuar ou repetir quem quer que seja...

Um bispo — assim o creio — é um eleito do Papa, mercê de uma reflexão humana de que o Espírito Santo não se alheia e de que não pode, sem pecado, ser afastado!...

Daí a minha insistência no silêncio orante!...

Neste silêncio orante quero, pessoalmente, saber des-



to e enorme admiração por quem aceita, com fé e coragem, o serviço episcopal a que é chamado (sendo também verdade que o meu espanto se agiganta se, porven-

pedir-me (em devido tempo), grata e respeitosamente, do senhor D. Jorge; e saber acolher a ternura e as surpresas de Deus.

Isso me basta!...



PAPA FRANCISCO

28 DE FEVEREIRO 2019 · Vamos fazer um pequeno exame de consciência todos os dias, para nos convertermos ao Senhor. 5 minutos no final do dia nos ajudarão a pensar e a não adiar a mudança de coração e a conversão ao Senhor. #SantaMarta

D. JORGE ORTIGA

6 DE MARÇO 2019 · Neste tempo especial da Quaresma, além do habitual Contributo penitencial, espero que sejamos capazes de reabilitar a missão sem fronteiras nas estruturas arquidiocesanas e nas pessoas, conscientes de que o cristianismo nos abre a horizontes que não conhecemos, mas são nossos.

DÁDIVA DE SANGUE

Instituto do Sangue precisa de reservas de O negativo

As reservas de sangue do tipo zero negativo (conhecido por "O negativo") estão em falta, apresentando números inferiores aos outros tipos de sangue. Em declarações à Renascença, a directora do Centro de Lisboa do Instituto do Sangue e Transplantação explicou que, deste tipo de sangue, o país só tem reservas para quatro dias.

"A nível nacional estamos numa situação equilibrada com reservas entre sete a dez dias para os diferentes grupos sanguíneos, excepto para os «O negativos» em que temos uma reserva até quatro dias", disse Ana Paula Sousa. Quem tem este tipo de sangue é um dador universal. A directora explicou ainda que o número de dadores em Portugal tem vindo a diminuir. "Temos verificado em Portugal uma diminuição do número de dadores e de dádivas, igual também no contexto europeu e também a nível internacional", referiu, apelando à dádiva de sangue.



OPINIÃO

Jovens e Missão...

PAULO PEREIRA

SEMINARISTA

“Todos, tudo e sempre em missão”, é este o lema que a Conferência Episcopal escolheu para este ano missionário. Tendo como ponto de partida estas palavras, pode dizer-se que ninguém é excluído, mas somos todos chamados à missão, que, por sua vez, não é em *part-time*, não é apenas quando nos apetece, nem apenas ao fim-de-semana, mas é sempre. Somos chamados constantemente à missão, que é um desafio que nos impele a estar disponíveis para o

Na verdade, o Papa Francisco, na mensagem para o Dia Mundial das Missões, especialmente dirigida aos jovens, lança uma interpelação que nos inquieta, dizendo que “a vida é uma missão”. Ora, dizer que a vida é uma missão é dizer que esta é uma dimensão fundamental daquela. Isto faz recordar o mandato que Jesus dirige aos seus discípulos: “Ide por todo o mundo e anunciai o Evangelho”. É esta a missão que Jesus lhes propõe: anunciar a Boa Nova, missão esta que é para todos e para nós jovens também. É uma missão para os discípulos do seu tempo, mas também para nós, que hoje queremos ser seus discípulos.

Dizia o Papa Francisco, na mensagem aos jovens para as Jornadas Mundiais da

É na juventude que construímos e nos construímos enquanto homens e mulheres no compromisso e na generosidade. É também nesta idade que temos os maiores sonhos e projectos para a vida. De facto, enquanto jovens chamados à missão, somos desafiados a viver esta “revolução do serviço” que Jesus iniciou no seu tempo, deixando-nos o seu exemplo. Esta não é tarefa fácil, porque a Igreja vive inserida numa sociedade que muitas vezes fomenta o individualismo e a indiferença, e quem rema contra a maré pode correr o risco de ser ridicularizado. A renovação da Igreja passa pela renovação missionária dos jovens, pois como dizia S. João Paulo II: “A Igreja só será jovem quando os jovens forem Igre-



outro, quando ele precisa, sem estar preso a uma agenda. Missão é palavra em sentido activo, que faz agir, sair do conforto e da monotonia das horas, para ir ao encontro do outro, que nos faz viajar do programado para o imprevisível, para a novidade. Assim, ser missionário é ser enviado, é ser acima de tudo discípulo, que segue os ensinamentos do mestre. São estas as ideias que me habitam quando penso sobre esta palavra, que ao mesmo tempo me traz à memória rostos concretos e experiências.

Juventude no Panamá, que há em muitos jovens, crenças ou não crenças, uma sede, uma força de querer ajudar os outros, que os impele a ajudar os que sofrem, os que mais necessitam, os excluídos... A este desejo o Papa chama a “revolução do serviço” que pode mudar o mundo, a Igreja e a sociedade. Na verdade, em muitas das ocasiões em que o Papa falou aos jovens referiu esta força motriz que habita os jovens, faz colocar “mãos à obra” e deve ser usada em prol das carências do Homem em todas as suas dimensões.

ja”. Assim, ser jovem é estar aberto ao desafio do encontro com os outros através do serviço concreto, porque a missão nasce de uma fé que ama, é relação.

O jovem, na sua missão, é chamado a testemunhar não só com palavras, mas também com gestos, e cujas acções devem confirmar as suas palavras. Neste sentido, S. Francisco, quando disse aos seus colegas “prega o Evangelho em todo o tempo, se necessário, usa palavras”, colocou um desafio exigente, cuja atualidade se estende até aos nossos dias!

ENTREVISTA

“UNIDADE NÃO É UNIFORMIDADE, SUPÕE DIVERSIDADE!”

FLÁVIA BARBOSA (TEXTO) / **JOÃO PEDRO QUESADO** (FOTOS)

FOI ORDENADO SACERDOTE EM 1967. EM 1988 FOI ORDENADO BISPO. A 18 DE JULHO DE 1999 TOMOU POSSE COMO ARCEBISPO DE BRAGA. A 5 DE MARÇO DE 2019 COMPLETOU 75 ANOS DE VIDA, ENTREGANDO POR ISSO A RENÚNCIA AO PAPA FRANCISCO. PASSADO, PRESENTE E FUTURO DE D. JORGE ORTIGA CRUZAM-SE NO IGREJA VIVA DESTA SEMANA.

[Igreja Viva] Quais são as principais diferenças entre a Igreja de agora e a de quando começou o seu sacerdócio?

[D. Jorge Ortiga] A minha formação aconteceu durante o Concílio Vaticano II. Acompanhei-o de perto e apaixonei-me pelo modelo que trouxe. Estávamos habituados a uma Igreja essencialmente hierárquica, estruturada na hierarquia e a partir da hierarquia. O Concílio Vaticano II fez uma proposta de uma Igreja a partir do povo de Deus onde todos nós, pela dignidade do baptismo, assumimos uma responsabilidade. Por isso mesmo a Igreja é o Papa, são os bispos, são os sacerdotes, são os leigos... cada um desempenhando a tarefa que Deus lhe confiou. Apaixonei-me um pouco por este modelo conciliar e foi isso que procurei concretizar, mesmo na minha vida de padre, particularmente nos catorze anos que passei nos Congregados, onde efectivamente houve a preocupação de constituir uma comunidade de pessoas responsáveis. Quando aceitei ser Bispo, o meu projecto já era esse! Escolhi como lema “Que todos sejam Um” porque a minha convicção é a de que a unidade é o testemunho de Deus e da verdadeira Igreja. Mas unidade não é uniformidade, supõe diversidade, diferença. Supõe uma articulação dessas diferenças no pensar, na maneira de reflectir sobre os diversos problemas da Igreja

ja... saber que efectivamente o caminho não é percorrido por um, seja ele Arcebispo ou não, mas por todos: estamos todos a caminho.

[Igreja Viva] Incluindo os leigos, como estava a dizer.

[D. Jorge Ortiga] Com certeza! E felizmente houve uma evolução muito grande. Em termos de ideia, de projeto, de interiorização, continuo com aquela ideia que sempre tive a partir da profunda reflexão que fiz no Seminário e nos primeiros anos. **Acredito na Igreja como unidade de discípulos missionários, acredito verdadeiramente nessa Igreja... aliás, penso que tenho trabalhado para concretizar isso mesmo.** Naturalmente que em termos de resultados terei que reconhecer que estamos ainda muito longe daquilo que é o ideal, mas sinto como Bispo hoje em dia aquilo que sentia mais ou menos há 31 anos: sou alguém que é um servo, que não se apoia na autoridade nem no poder exterior, mas procura fazer da sua vida uma vida colocada ao serviço da própria Igreja e particularmente ao serviço dos mais carenciados, dos mais necessitados. Isto é uma meta que se vai concretizando dia após dia. É-me muito difícil fazer um balanço concreto *(risos)*.

[Igreja Viva] Falamos de um trabalho a nível de exterioridade e de interioridade?

[D. Jorge Ortiga] Temos uma dupla maneira de olhar para a Igreja: a nível interno, daquilo que é a Igreja com as suas estruturas e as suas dinâmicas, e a nível “externo”. A palavra “externo” não é muito exacta porque, ao fim e ao cabo, estamos a falar de um prolongamento da acção da Igreja na sociedade e no mundo. Creio seriamente que a Igreja tem dois movimentos: o primeiro é o da interioridade, em que a Igreja procura crescer na sua relação com Deus, relação essa que nos obriga a ter uma relação com os outros, sobretudo com os mais pobres. Mas também temos uma Igreja que não se fecha nela e que está em permanente relação com o mundo, fazendo com que nós, cristãos, estejamos e sejamos presentes no mundo, qual fermento que deve levar nestes ambientes. Portanto, não faço uma distinção, mas antes uma reflexão: a Igreja terá de crescer cada vez mais como comunidade mas, ao mesmo tempo, projectada nos mais diversos ambientes, para nelas poder deixar não uma semente de eclesiocentrismo ou clericalismo, mas essencialmente uma semente daquilo que é essencial no cristianismo. Falamos de fraternidade, igualdade, justiça, inclusão de todos, atenção aos mais necessitados... falamos de uma Igreja que está hoje presente nessas realidades, até porque nada daquilo que é humano é estranho à Igreja. Não é por acaso, e até podemos olhar um pouco para tudo aquilo que tentei fazer e escrever, que procurei considerar todas as realidades. O ano passado fiz uma Carta Pastoral sobre o Desporto, porque era o que se respirava em Braga na altura. Também tivemos há uns tempos as Semanas Sociais, altura em que escrevi uma carta sobre o



emprego, sobre a realidade do trabalho, sobre o trabalho justo e digno para todos. As realidades humanas interessam-me verdadeiramente e é nelas que a Igreja se encontra. Não é uma Igreja fechada nela própria, como por vezes se diz, mas é uma Igreja que se concentra nela para nela ganhar edifício e força para interiorizar os conteúdos da missão e depois chegar a estes diversos ambientes. Não foi por acaso que partimos para Moçambique e quisemos escolher uma outra paróquia, a paróquia de Santa Cecília de Ocuá. Sabemos que como Igreja também temos de estar lá. Temos que sentir que é uma responsabilidade nossa! Eu estou empenhado e gostaria que a comunidade diocesana também se empenhasse em proporcionar àquelas pessoas – que conheci passando lá dois dias, muito pouco tempo, reconheço – todas as suas necessidades que vão desde comer, ao vestir, à habitação, à água, ao ensino...

[Igreja Viva] Um Arcebispo não “governa” sozinho. Um Arcebispo não “é” sozinho, pois não?

[D. Jorge Ortiga] *(risos)* Há uma estrutura de governo, podemos dizer assim. Mas o governo aqui é serviço! **O nosso serviço, hoje mais do que nunca, tem de ser colegial ou sinodal.** Isto significa que temos de caminhar juntos, ver os problemas juntos, discernir as suas coordenadas e encontrar uma solução em conjunto. A Igreja de hoje deverá agir sempre de um modo sinodal: em termos da diocese, em termos das paróquias, em qualquer aspecto deverá envolver as pessoas. Não por hoje estar na moda fazê-lo, mas num sentido verdadeiro de uma procura de causas sinodal. Mas também temos que falar aqui da corresponsabilidade! O que é que isto significa? Sei que tenho a responsabilidade de ser Arcebispo, que me é confiada por aquilo que o Código de Direito Canónico determina, mas os padres têm também a responsabilidade deles, assim como os leigos. A corresponsabilidade é uma responsabilidade em exercício por cada um dos cristãos e dos membros da Igreja. Vejamos os cristãos adormecidos ou aqueles que pensam



Sempre tive uma grande preocupação com os relacionamentos, mas dou-me conta no encontro com as pessoas que às vezes estou demasiado apressado. A amizade nunca se perde, mas é preciso investir na relação!

que a Igreja poderá ser construída pelos outros: deveriam acordar e adoptar uma atitude de maior compromisso em relação à identidade da Igreja e à sua dinâmica interna, mas também na sua encarnação e inculturação no mundo que a rodeia.

[Igreja Viva] O Sínodo Diocesano foi um dos momentos mais significativos do seu serviço pastoral?

[D. Jorge Ortiga] Sim, para mim é um dos momentos mais significativos da minha vida, onde procurei dar o máximo para concretizar aquilo em que acreditava. O Sínodo foi realizado durante o tempo do D. Eurico Dias Nogueira e eu fui o Secretário. Não quero louros, mas tenho que dizer que muito do que o Sínodo teve foi trabalho meu e de uma equipa que constituímos. Já na altura via que era necessário as nossas paróquias colocarem-se numa linha de evangelização. O Sínodo foi precisamente para isso, para, como disse há pouco, colocar o Evangelho no coração das

pessoas e das estruturas. Foi uma actividade maravilhosa! Na altura tivemos cerca de mil e quinhentos grupos sinodais a reunir semanalmente, a responder a inquéritos. Cada um primeiro deveria reflectir um pouco sobre a doutrina e depois procurar caminhos novos, de forma sinodal, para responder. Não foi um esquema inventado por mim e pelo Secretariado, os temas e preocupações chegaram até nós, tudo foi analisado e, no final, devidamente votado, o que deu origem ao documento com as conclusões do Sínodo.

[Igreja Viva] Mas houve mais momentos...

[D. Jorge Ortiga] Há muita coisa, realmente. A Semana Social que tivemos, organizada pela Conferência Episcopal, onde tivemos vários oradores de renome, é um bom exemplo. Fiz questão, um pouco de pressão, até, para que acontecesse em Braga, para estarmos atentos aos diversos problemas no que diz respeito ao emprego. Tenho procurado acompanhar e conheço um pouco a realidade do trabalho através da passagem pelas fábricas e outras instâncias laborais. Neste momento temos os Movimentos da Acção Católica, que trabalham neste sector, temos também a ACEGE, onde eu até gostaria que houvesse mais gente. Nesta linha considero também muito importante a ideia da Nova Ágora, que vai acontecer em breve e que substitui as conferências quaresmais que antigamente se faziam na Sé. (...)

[Igreja Viva] O que fica por fazer? O que deixa como legado para o seu sucessor?

[D. Jorge Ortiga] (risos) Há muitas coisas para fazer em várias áreas! Vamos ter que repensar a sustentabilidade da Arquidiocese... Estamos muito bem em comparação com outras dioceses, mas já começamos a fazer uma grande aposta neste aspecto. Vai fazer realmente falta encarar a sustentabilidade das nossas paróquias, das nossas comunidades. Há uma mudança de paradigma que é preciso enquadrar: é preciso ver como é que as comunidades paroquiais podem ter capacidade para ser presença da Igreja tanto na cidade como nas periferias. Fa-

lo, por exemplo, de Celorico ou de Cabeceiras de Basto, dessas paróquias com muito pouca gente mas que têm as suas exigências... e nós não as abandonamos! Se as paróquias são importantes aqui no centro de Braga, aquelas que só têm oitenta pessoas também são importantíssimas! A formação do clero é uma questão sempre imperfeita também, o acompanhamento do clero tem de ser aperfeiçoado. Também a questão dos ministérios laicais é importante... há um caminho muito grande a fazer, ainda na linha da corresponsabilidade! As apostas estão lançadas e as coisas encaminhadas, mas os desafios são sempre novos e sempre diferentes. Tenho a certeza que quem vier terá muito para fazer, até porque muitas coisas poderão estar começadas, mas não estão acabadas.

[Igreja Viva] O que vai fazer depois de o Papa aceitar a renúncia, já pensou?

[D. Jorge Ortiga] Não. Tenho um princípio na minha vida que é o de procurar viver plenamente cada momento que passa, não me importando tanto com o futuro, mesmo sabendo que ele é importante, já que nos orienta. Não esqueço o passado, as raízes, a minha formação, mas procuro viver sem pensar muito no que poderá acontecer. Evidentemente que precisarei de rezar um pouco mais, é preciso mais tempo para a oração! E depois tenho também o meu relacionamento com as pessoas... sempre tive uma grande preocupação com os relacionamentos, mas dou-me conta no encontro com as pessoas que às vezes estou demasiado apressado. A amizade nunca se perde, mas é preciso investir na relação! Em relação ao serviço, veremos, não quero estar a projectar porque não tenho nada absolutamente pensado. Tenho disponibilidade, e veremos depois as circunstâncias, o que acontecerá... na certeza de que se Deus me der saúde, não quero estar parado! (risos) Se a minha vida como sacerdote foi toda entregue em doação, gostaria que os últimos momentos também fossem assim. Sem, naturalmente, incomodar o trabalho do Arcebispo que virá, mas também quero com ele ter uma experiência de unidade e comunhão na primeira pessoa. O resto, veremos.

“Como é bom estarmos aqui!”

II DOMINGO QUARESMA

ITINERÁRIO

ATITUDE
Converter

CONCRETIZAÇÃO: Nesta semana, vamos retirar da árvore desta caminhada quaresmal, que está no presbitério, o pecado ISOLAMENTO, que se encontra num dístico e que será colocado, por sua vez, no cesto que está ao lado da árvore.

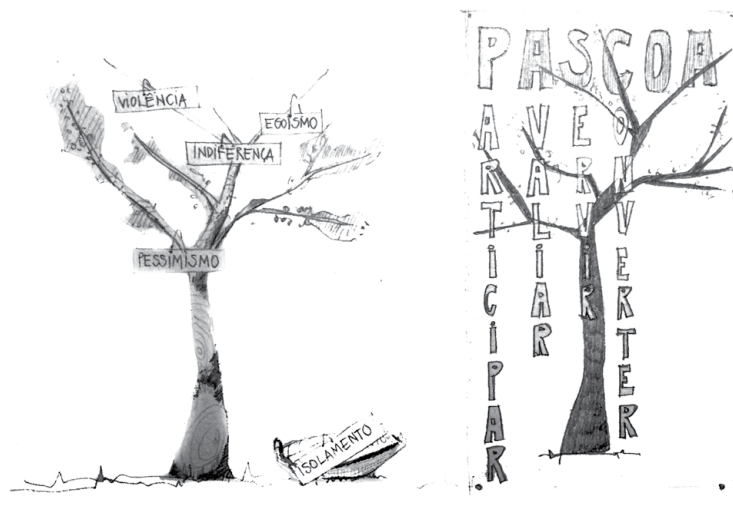


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Gen 15, 5-12.17-18

Leitura do Livro do Gênesis

Naqueles dias, Deus levou Abrão para fora de casa e disse-lhe: “Olha para o céu e conta as estrelas, se as puderes contar”. E acrescentou: “Assim será a tua descendência”. Abraão acreditou no Senhor, o que lhe foi atribuído como justiça. Disse-lhe Deus: “Eu sou o Senhor que te mandou sair de Ur dos caldeus, para te dar a posse desta terra”. Abraão perguntou: “Senhor, meu Deus, como saberei que a vou possuir?”. O Senhor respondeu-lhe: “Toma uma vitela de três anos, uma cabra de três anos e um carneiro de três anos, uma rola e um pombinho”. Abraão foi buscar todos esses animais, cortou-os ao meio e pôs cada metade em frente da outra metade; mas não cortou as aves. Os abutres desceram sobre os cadáveres, mas Abraão pô-los em fuga. Ao pôr do sol, apoderou-se de Abraão um sono profundo, enquanto o assaltava um grande e escuro terror. Quando o sol desapareceu e caíram as trevas, um brasido fumegante e um archote de fogo passaram entre os animais cortados. Nesse dia, o Senhor estabeleceu com Abraão uma aliança, dizendo: “Aos teus descendentes darei esta terra, desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates”.

Salmo responsorial

Salmo 26 (27), 1.7-8.9abc.13-14 (R. 1a)

Refrão: O Senhor é a minha luz e a minha salvação.

LEITURA II(F. Breve) Filip 3, 20 – 4, 1

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Filipenses

Irmãos: A nossa pátria está nos Céus, donde esperamos, como Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo miserável, para o tornar semelhante ao seu corpo glorioso, pelo poder que Ele tem de sujeitar a Si todo o universo. Portanto, meus amados e queridos irmãos, minha alegria e minha coroa, permaneço firmes no Senhor.

EVANGELHO Lc 9, 28b-36

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago e subiu ao monte, para orar. Enquanto orava, alterou-se o aspecto do seu rosto e as suas vestes ficaram de uma brancura refulgente. Dois homens falavam com Ele: eram Moisés e Elias, que, tendo aparecido em glória, falavam da morte de Jesus, que ia consumir-se em Jerusalém. Pedro e os companheiros estavam a cair de sono; mas, despertando, viram a glória de Jesus e os dois homens que estavam com Ele. Quando estes se iam afastando, Pedro disse a Jesus: “Mestre, como é bom estarmos aqui! Façamos três tendas: uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias”. Não sabia o que estava a dizer. Enquanto assim falava, veio uma nuvem que os cobriu com a sua sombra; e eles ficaram cheios de medo, ao entrarem na nuvem. Da nuvem saiu uma voz, que dizia: “Este é o meu Filho, o meu Eleito: escutai-O”. Quando a voz se fez ouvir, Jesus ficou sozinho. Os discípulos guardaram silêncio e, naqueles dias, a ninguém contaram nada do que tinham visto.

REFLEXÃO

Este é o meu Filho muito amado, no qual pus as minhas complacências. Escutai-O. Mateus 17, 5

A Transfiguração, episódio próprio do Segundo Domingo da Quaresma (Ano C), introduz-nos no mistério divino: a glória vislumbrada pelos discípulos é uma realidade que tem um reflexo no tempo presente, quando nos fazemos disponíveis para acolher a palavra do “Filho muito amado” do Pai: “Escutai-O”!

“Como é bom estarmos aqui!”

Jesus Cristo leva consigo três discípulos que testemunham uma beleza tão intensa que desperta os discípulos a cair de sono e leva Pedro a exclamar: “Como é bom estarmos aqui!”.

O relato da Transfiguração, no evangelho segundo Lucas, está associado à experiência de oração: “Enquanto orava, alterou-se o aspecto do seu rosto...”. Assim também a nossa transfiguração começa na oração, “espaço de acolhimento da alteridade de Deus (...). A oração age sobre aquele que reza e faz emergir a sua identidade profunda” (Luciano Manicardi), ilumina o caminho existencial até à plena transfiguração.

Ao mesmo tempo que se altera o aspecto do rosto e emerge uma “brancura refulgente”, também aparecem Moisés e Elias para lembrar a “morte de Jesus, que ia consumir-se em Jerusalém”. Semelhante paradoxo acontece com a nossa transfiguração. Ser atravessado pela luz pascal exige a renúncia ao mal e ao pecado, não apenas em geral, mas nas situações

concretas da vida. Por isso se sente a dor da renúncia, em simultâneo com o prazer de uma vida transfigurada. É nesses momentos que podemos dizer: “Como é bom estarmos aqui!”. A Quaresma prepara-nos para celebrar os mistérios do Tríduo Pascal e renovar, uma vez mais, na Vigília Pascal, as promessas baptismas. Não são suficientes as palavras “sim, renuncio” e “sim, creio”. Para que as promessas baptismas sejam conscientes e eficazes é conveniente começar por viver activamente nos dias quaresmais o compromisso dessas afirmações. Chegaremos às celebrações pascais com as mãos e o coração cheios de renúncias e de profissões de fé. Na Vigília Pascal, as palavras serão acompanhadas pelas obras concretas de cada dia quaresmal. Assim acontece a verdadeira transfiguração! Assim acontece a conversão ao Evangelho!

Converter

A transfiguração não é apenas uma experiência pessoal. Lá estão Pedro, Tiago, João. E até aparecem Moisés e Elias, a Lei e os Profetas. Um alerta para não cair na tentação do isolamento (cf. EG 87-92): sentir “o desafio de descobrir e transmitir a «mística» de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada. (...) Como seria bom, salutar, libertador, esperançoso, se pudessemos trilhar este caminho! (...) Não deixemos que nos roubem a comunidade!”.

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.net



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações próprias do II Domingo da Quaresma (*Missal Romano*, 182-183)

Prefácio: Prefácio próprio do II Domingo da Quaresma (*Missal Romano*, 183)

Oração Eucarística: Oração eucarística I (*Missal Romano*, 515ss)



VIVER NA ESPERANÇA

Nesta semana, continuaremos com o exercício do exame de consciência feito com serenidade para identificar as situações que nos isolam da família, dos colegas de trabalho ou da escola, da comunidade cristã, dos amigos. Para entendermos e superarmos o isolamento, somos chamados a ler e reflectir, em cada dia da semana, nos números 87-92 da exortação apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco.



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

— **Entrada:** *A misericórdia do Senhor*, F. Silva

— **Ap. Dons:** *Jesus tomou consigo*, C. Silva (OC, 145)

— **Comunhão:** *Este é o Meu Filho muito amado*, F. Lapa (BML 60)

— **Final:** *Ó cruz vitoriosa*, F. Silva (NRMS 29)

Elementos celebrativos a destacar

Ser comunidade acolhedora Preparação Penitencial

A saudação inicial deve sublinhar o encontro com Deus (oração) que transfigura a vida de cada pessoa, colocando-a em comunhão com os irmãos, pois todos somos da descendência de Abraão. Será importante também alertar que, ao pedir perdão dos pecados, reconhecemos que contamos com a oração uns pelos outros, sobretudo com a fórmula A da preparação penitencial (*Confiteor*). Porque tantas vezes nos alheamos e isolamos dos outros, usaremos esta fórmula. No final, será retirado o dístico com o pecado ISOLAMENTO por um agente de pastoral ligado à pastoral catequética da comunidade. Depois, para aclamar a misericórdia do Senhor, sugere-se que se cante *Kyrie, eleison*.

Ser comunidade missionária

1. Homilia

• A confiança total de Abraão em Deus é a “solução” para o nosso isolamento. Só quem se abre à presença de Deus pode (re)aprender a confiar no outro, que é meu irmão, minha irmã. Somos seres em relação, tal como o nosso próprio Deus é – “Não há identidade plena, sem pertença a um povo (...) Deus quis entrar numa dinâmica popular, na dinâmica de um povo” (GE 6). Por isso, “sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem” (EG 87).
• “Como é bom estarmos aqui” é a expressão de quem é feliz, de quem se sente amado, de quem sente a presença de Cristo na sua vida e na comunidade. Não pode haver dúvidas que “o Evangelho convida insistentemente à alegria” (EG 5). Ao confiarmos em Deus, aprendemos a ver o outro não como concorrência, mas como um companheiro nesta peregrinação da vida. A fraternidade,

a comunhão com os irmãos, torna-se o reflexo da nossa fé, conscientes de que todos somos da descendência de Abraão – “ver a grandeza sagrada do próximo; descobrir Deus em cada ser humano” (Cf. EG 92).

• Por isso, a interpelação de Deus – *Este é o meu Filho, o meu Eleito: escutai-O* – soa a compromisso. A conversão resulta da confrontação da nossa vida com a Palavra de Deus que nos desinstala. Viver o que celebramos para sermos missão, viver quem celebramos é o único modo de se ser cristão, de viver como filho(a) de Deus. “A alegria do Evangelho é uma alegria missionária” (EG 21), mas “os discípulos do Senhor são chamados a viver em comunidade” (EG 92). Então, libertemo-nos do isolamento que nos asfixia e desfigura, alimentando o nosso individualismo e egoísmo. Mais do que reunidos, sejamos unidos! Demos as mãos para resplandecermos como povo eleito, com um rosto transfigurado, com um rosto de gente salva!

2. Envio missionário

V. Ide, o Senhor vos envia a dar continuidade à aliança que estabeleceu connosco, através de Abraão.

R/ Ámen.

V/ Ide, o Filho vos envia a viver como transfigurados pela fidelidade à oração.

R/ Ámen.

V/ Ide, o Espírito Santo vos envia a imitar os modelos de santidade, que permanecem fiéis à Cruz de Cristo.

R/ Ámen.

Oração Universal

Na certeza de que “é bom estarmos aqui” e iluminados pela transfiguração de Jesus, elevemos as nossas súplicas, dizendo com esperança:

R. Iluminai, Senhor, a vossa Igreja.

1. Senhor, Vós que conheceis os nossos medos e a nossa resistência, fazei que todos os cristãos tenham confiança em Vós, como Abraão, e vivam no amor fraterno. Nós Vos pedimos: (...)

“Como é bom estarmos aqui!”

SEGUNDO DOMINGO QUARESMA
ANO C - 2019



LABORATÓRIODAFÉ



NOVO LIVRO DO CÓNEGO JOÃO AGUIAR ESTÁ A CHEGAR ÀS LIVRARIAS

O novo livro do Cónego João Aguiar Campos, "Descalço também se caminha", está a chegar às livrarias. Trata-se de uma colectânea de textos divididos em três partes: "Olhares", "Canções de Amor" e "Reflexões". "Não sou um optimista sem os pés na terra. Aliás, os textos que neste livro ofereço têm cores distintas e não fogem sequer ao escuro de alguns instantes... Mas a noite é tempo de repouso. Sem a saúde que alongaria os dias, perdi os sapatos de longos percursos e o ritmo de km/hora. Mas ando, sentindo mais a areia e as irregularidades do piso. Sim; descalço também se caminha!...", escreve o Cónego João no texto inicial. O autor é natural de Terras de Bouro, no Gerês. Nasceu a 23 de Dezembro de 1949 e foi ordenado presbítero no dia 25



de Março de 1973. O livro será apresentado no dia 6 de Abril, pelas 21h00, no Espaço Vita, em Braga. Cabe ao Cónego Américo Aguiar, Presidente do Conselho de Gerência da Rádio Renascença e actual director do Secretariado Nacional das Comunicações Sociais a apresentação do livro.

"AS SEZE ÚLTIMAS PALAVRAS DE CRISTO NA CRUZ" REGRESSAM AOS CONGREGADOS

É já no dia 14 de Abril, Domingo de Ramos, às 21h00, que "As Seze Últimas Palavras de Cristo na Cruz" regressam à Basílica dos Congregados, em Braga. Este ano é a vez do Pe. Manuel Vilas Boas, jornalista da TSF, o Quarteto Verazin e o Cónego João Aguiar se reunirem para ajudarem a meditar as últimas palavras de Jesus.

A iniciativa tem entrada livre e conta com tradução em Língua Gestual Portuguesa. As reflexões do Pe. Pablo Lima sobre as Sete Últimas Palavras de Cristo, correspondentes à edição do ano passado, também na Basílica dos Congregados, vão ser publicadas pela editora Paulus. O livro deverá chegar em breve a todo o país.

AGENDA Viva

11 MAR
ESPAÇO VITA
CONFERÊNCIA: AUSTEN IVEREIGH
21H15
Austen Ivereigh na Europa presente e futuro

22 MAR
PAÇO DOS DUQUES
OLHARES SOBRE O PODER E A CORRUPÇÃO
21H00
PAULO ...
Moderador: ANTÓNIO MATEUS

28 MAR
CASA DAS ARTES
OLHARES SOBRE OS POPULISMOS
21H00
ciclo de Conferências
NOVA GORA
OLHARES SOBRE

FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

Sim
Assim, sim. AM/FM

PROGRAMA

Ser Igreja

Sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista esta semana o **D. Jorge Ortega**, Arcebispo Primaz.

LIVRARIA
DIÁRIO DO MINHO

LIVRO DA SEMANA

21,98€

10% Desconto

AUSTEN IVEREIGH
FRANCISCO, O GRANDE REFORMADOR

FRANCISCO
O GRANDE REFORMADOR
Os Caminhos de um Papa Radical
AUSTEN IVEREIGH
— Prefácio de Bento XVI —

Com prefácio de Aura Miguel, "Francisco, o grande reformador — Os Caminhos de um Papa Radical" é um trabalho detalhado e aprofundado que explora a intersecção da fé com a política, focando-se numa visão de Francisco, cada vez mais considerada inovadora, e os desafios que uma instituição milenar como a Igreja apresenta. O autor, Austen Ivereigh, é escritor e jornalista especializado em assuntos políticos e religiosos.

Director: Damião A. Gonçalves Pereira • **Coordenação:** Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Paulo Terroso, Pe. Tiago Freitas, João Pedro Quesado)
Design: Romão Figueiredo • **Multimédia:** Ana Marques Pinheiro • **Contacto:** comunicacao@arquidiocese-braga.pt

Fale connosco no **Facebook**

IB
ARQUIDIOCESE DE BRAGA

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 7 a 14 de Março de 2019.